REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 765

30 DE MARÇO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 28

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO — Chefe do Partido Regenerador

CHRONICA OCCIDENTAL

Nada anda tão falado como merece, e n'estes casos temos a grippe, que pela Europa inteira vae fazendo das suas, muito longe de ser tratada com a consideração que lhe é devida e de que vemos gosar suas irmãs epidemias.

Trataram-n'a a principio como senhora de pouca importancia, chamaram lhe doença da moda por mofa, e ella, não tardou muito, vingou-se.

Diz-se deverem contar-se por milhares os atacados em Lisboa. E se a doença entre nós não tem sido tão mortal como n'outros paizes de clima menos doce, entretanto tem de sobejo demonstrado que, deitando as mãosinhas de fóra, póde ser bicho de respeito.

Tudo lá em casa está *grippado!* Isto ouve-se a cada canto. E só o não ouvem os muitos que, mettidos na cama, estão de volta effectivamente com a seccante molestia de mais variadas manifestações.

Para o aggravamento da doença muito concorrem o nenhum conchêgo em que muitos vivem e os poucos dias de tratamento que a maior parte lhe pode conceder.

E' por isso que bem merecem todos aquelles que, melhor dotados pelos bens da fortuna, se dedicam de todo o coração a diminuir, quanto couber em forças humanas, a miseria que se alastra. Muito se tem feito em Lisboa, mas infelizmente o muito é sempre pouco.

A Assistencia Nacional aos Tuberculosos vê encherem-se milagrosamente os seus cofres, desde que a Rainha Sr.ª D. Amelia, com o coração magoado por tanta miseria entrevista, se lembrou de estender a mão pedindo uma esmola para tantos desgraçados, que devem um dia, mais tarde, abençoal-a.

A proposito das festas que devem realisar-se em beneficio de tão caridosa instituição publicaram, ha dias, alguns jornaes um bello artigo do nosso amigo Conde de Sabugosa.

Que as festas sejam brilhantes e productivas é o que todos devemos desejar.

E' o maior dos males, que nos affligem em Portugal, a tisica.

Ainda, não ha muitos dias, nos roubou ella, em toda a flor, um dos mais bellos talentos de poeta, que hajam desabrochado em Portugal n'estes ultimos dez annos, Antonio Nobre, o auctor do *Só*.

Não publicára mais do que esse volume, mas esse bastára para lhe dar nome e classifical-o entre os primeiros. E' porque era muito original e muito sentido; são poesias escriptas em differentes tempos e mais variados logares, na grande Paris ou em pequenina aldeia portugueza, e todas dando ao livro uma unidade pouco vulgar, requintadamente artistica.

D'outro homem de letras, que foi muito conhecido em Lisboa por todos os noctivagos e cuja conversação era das mais attrahentes, acabo tambem de fallecer.

Ha já alguns annos que Salomão Saragga se retirára para Cascaes, procurando na atmosphera da beira-mar algum alivio a antigos e rebeldes padecimentos. Algumas melhoras que a principio se manifestaram chegaram a dar esperanças aos amigos e ao proprio doente. Mas a enfermidade era incuravel.

Salomão Saragga foi um profundo conhecedor das litteraturas orientaes e isso lhe valeu a amizade de Renan, com quem muito conviveu durante sua longa estada em Paris. Mas todas as litteraturas o interessavam e era doido por musica. Discutia assumptos d'arte, cheio de calor, falando muito alto, com a voz cheia de RR hebraicos, atirando constantemente para traz a longa cabelleira negra. Pouco deixou escripto: alguns artigos apenas.

Duas formosas intelligencias que nos deixaram, deixando ficar saudades. E' que tanto o poeta como o sabio hebraista tinham excellentes qualidades de coração.

O tempo vai triste. Do que mais se fala é de doenças, de mortes, ainda e sempre da guerra. Um ou outro dia bonito, que vem trazer um bocadinho de alegria aos espiritos, é logo seguido por uma noite fria, ventosa. As nuvens accumulam-se, a chuva cai, pouco lhes importando com os dictames do almanack, que, ha mais de oito dias marcou o principio da primavera.

Se accrescentarmos ás más noticias cá de casa, as muito pouco boas que nos chegam do estrangeiro, faremos d'esta chronica um lugubre estendal de casos tristes.

Apesar do muito que, ha já tempos, se vai falando de paz, a guerra no sul d'Africa continua com sorte varia. Os boers resistem, os inglezes teimam.

A morte de Joubert ainda mais fez baixar o prato da balança para o lado dos inglezes, mas novas complicações lhes vão surgindo que hão de aguar algum tanto o contentamento das primeiras horas que se seguiram ás noticias da victoria de Lord Roberts.

Segundo telegrammas de Londres, a rebellião alastra por toda a região do noroeste do Cabo; Papcuel está outra vez nas mãos dos sublevados, que no districto Herbert parecem estar dispostos a partir para as fileiras combatentes dos boers.

Para que de todo não estejamos socegados, de quando em quando, a imprensa estrangeira volta a falar de operações financeiras que Portugal teria feito sobre parte do nosso dominio na Africa Oriental.

A nova expedição, que para lá partiu na manhã de segunda feira, 26, deu logar a que nas camaras fossem pedidas algumas explicações ao governo. Parece que unicamente se destina d'esta vez a assegurar com maior efficacia a nossa completa neutralidade na lucta travada entre os nossos visinhos.

As forças expedicionarias são commandadas pelo sr. major Serpa de Lacerda. Compõem-as contingentes de artilheria n.º 1, cavallaria n.º 7 e infantaria n.º 6.

El-Rei assistiu na ponte do arsenal ao embarque das tropas.

Quando o vapor *Portugal* se pôz em movimento, a marinhagem subiu ás vergas dando repetidos vivas, e o transporte foi saudado por todos os navios surtos no Tejo.

Era muita a gente que concorreu ao arsenal. Muitos despediam-se, commovidos, de amigos e parentes. Uma velhinha, que ali fôra dizer a um filho, desmaiou quando o vapor partiu.

A historia dos ultimos annos em Africa tem sido gloriosa para as armas portuguezas. Não é de crer que os expedicionarios d'hontem, que vão cumprir uma missão pacifica, tenham grandes actos de valor a exercitar; mas nem por isso deixarão de passar privações talvez e de mais uma vez provarem as excellentes qualidades que são apanagio do soldado portuguez.

Não vivemos apenas de velhas glorias, que sempre é bom recordar como exemplo.

E a mais uma agora se trata de fazer a devida commemoração. No Brazil hão de ser as grandes festas; mas não podem ellas deixar de ter grande ecco em Portugal, d'onde Pedro Alvares Cabral partiu ha quatro seculos para ir arribar a essas terras de Santa Cruz.

O Descobrimento do Brazil — *Narrativa de um marinheiro*, que os leitores do Occidente bem conhecem, será por esta occasião editado em livro, profusamente illustrado e contendo o mappa de toda essa heroica navegação.

Não podia sair em occasião melhor esse eloquente tributo a uma das nossas maiores glorias entre tantas e tamanhas que couberam em partilha a Portugal.

Para o Brazil deve muito brevemente partir uma companhia de artistas portuguezes, excellentemente organisada, com a maior parte dos elementos de que se compoz a que no verão passado fez o seu giro pelas ilhas dos Açores.

Um dos dramas que leva na bagagem foi expressamente escripto por Julio Dantas para commemorar o extraordinario facto da viagem de Pedro Alvares Cabral, a de maior alcance talvez, pois que nos havia de dar esse extraordinario e opulentissimo paiz, onde o portuguez que sai da velha patria encontra milhares de irmãos.

Tributo pago ao Brazil que tão fraternalmente acolhe quanto é nosso é esse drama, é o livro de que ha pouco faláinos. Esses tributos são o apertar ainda mais d'um laço, que ninguem terá forças para quebrar um dia.

A maneira carinhosa e fidalga por que os artistas portuguezes costumam ser recebidos nas terras brazileiras prova-nos bem essa grande sympathia, que, lá tão longe, ainda merece aos filhos de Portugal a terra de seus avós.

Mas, d'esta vez, a companhia que se lhes annuncia leva artistas de verdadeiro valor e peças de merecimento, originaes ou traducções, ainda até hoje não representadas nos theatros do Rio de Janeiro.

Em maio devem partir; agoiramos-lhe uma magnifica receita.

E apesar de já assim falarmos nos que nos deixam, nem por isso por aqui vão faltando novidades em theatros.

Em D. Maria representou-se no sabbado, 24 pela primeira vez a peça de Marcelino Mesquita, *Sempre noiva*, que tem sido muito discutida pela imprensa. Não agradou a alguns; desagradou especialmente aos apologistas algum tanto facciosos do velho Marquez de Pombal; mas o drama, a cujo desempenho todos fazem o maior elogio, continúa apesar d'isso, a atrair ao theatro a mais selecta e numerosa concorrencia.

Brevemente teremos as annunciadas revistas d'anno nos theatros da Trindade e Rua dos Condes, *Ramerrão*, e *Barril do Lixo*, aquella de Esculapio e Acacio de Paiva, com a reapparição de Lopiccolo, e esta de Schwalbach sendo o principal papel desempenhado pelo Valle.

S. Carlos fechou. Nem por isso temos peor musica em Lisboa. Pelo contrario, pois que no programma do concerto ultimamente dado pela Real Academia de Amadores de Musica na sala Portugal da Sociedade de Geographia vemos figurar entre outros os nomes de Grieg, Wagner e Beethoven. Tomaram parte no concerto, além da orchestra de amadores, o baixo Andrés Peroló que cantou uma melodia de Massenet e a bella canção espanhola de Alvares, *la Partida*, e a sr.ª D. Mathilde Bivar Robertos, que recebeu enthusiasticos applausos de que partilhou seu excellente professor, nosso amigo Thimoteo da Silveira.

No theatro D. Amelia, como a doença de Rosa Damasceno interrompeu os espectaculos do *Viriato Tragico*, continuou triumphante a *Lagartixa*.

Rosas e Brazão partem em abril com sua companhia para o Porto. Entretanto voltam francezas para o D. Amelia. Mas d'esta vez é tudo para rir, com a *Lagartixa* á frente.

Com chave franceza abriu, com chave franceza fecha.

Venham cá falar-nos em chaves inglezas ou em que é baixo o oiro francez. Quem tem razão são os emprezarios de D. Amelia. Chave d'oiro... e á franceza.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO

Por fallecimento do conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, chefe do partido regenerador, assumiu a chefia d'este partido o sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.

Assim devia ser.

Antonio de Serpa, com sacrificio acceitou o cargo de formar o gabinete e presidir ao governo que succedeu ao ministerio progressista, em janeiro de 1890. Era grave a situação e o paiz apellava para os seus homens de estado mais reputados e Antonio de Serpa, se já não era um estadista capaz de grandes commettimentos, era um nome prestigioso e respeitado, não se negou ao sacrificio com que mal podiam os seus annos e os seus achaques.

Entretanto seria aquella a ultima responsabilidade que o paiz lhe exigia, e oito mezes depois depunha a pasta nas mãos d'El-Rei e com ella a demissão de todo o gabinete.

Desde esse momento Antonio de Serpa quasi se retirou da vida activa da politica e apenas era consultado, uma ou outra vez como patriarcha do partido.

A situação presidida pelo sr. conselheiro José Dias Ferreira, que succedeu no gabinete presidido por Antonio de Serpa, pouco mais duradoura foi do que esta ultima, e, em março de 1893 foi novamente chamado ao poder o partido regenerador, sendo encarregado de formar governo o sr. conselheiro Hintze Ribeiro. Era mais um passo dado para succeder na chefia ao encanecido politico, e o tempo e os factos vieram revelando e confirmando o que era apenas um sentimento latente no partido, que via retirar-se da brecha o successor de Fontes Pereira de Mello.

O governo que então formou o sr. conselheiro Hintze Ribeiro foi dos mais duradouros nos ultimos tempos, pois que geriu os negocios do paiz desde março de 1893 até fevereiro de 1897, atravessando enormes difficuldades, que o estado das finanças do thesouro, a deploravel situação economica, e a anarchia que se ia alastrando por todo o paiz, criavam e augmentavam em cada dia.

Foi n'este periodo anormal da nação, que o go-

verno do sr. conselheiro Hintze Ribeiro teve de se haver, e porque os factos são de nossos dias, todos estarão lembrados, como a ordem se restabeleceu, como a administração dos negocios publicos melhorou quanto possivel no meio da crise financeira e economica, e quanto se conjurou de uma e outra, pela prudencia e acerto do governo.

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro está no vigor da vida e comtudo é já longa a lista dos seus serviços, desde 1878, em que pela primeira vez se sentou na cadeira do parlamento, até ao presente.

Mais minuciosamente o diz uma excellente biographia publicada em o n.º 404 do OCCIDENTE, em 1890, escripta por um illustre publicista e amigo quasi de infancia do sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

N'essa biographia lêmos que o sr. Hintze Ribeiro, ainda nos bancos da Universidade, em 1870 até 1888 em que já tinha subido aos conselhos da corôa, publicava: *A theoria e legislação do recambio, 1870; Os fideicommissos no direito civil moderno; (Commentario aos artigos 1866 a 1874 do Codigo Civil Portuguez) 1872; O caso julgado, em face do direito portuguez e da philosophia do direito, 1875; A reforma da legislação commercial, 1877; A questão Salamanca, 1882; Reorganisação dos serviços das alfandegas, 1885; A questão da fazenda, 1888. Questões parlamentares, 1888.* E nos ultimos annos quantas outras questões tratadas com proficiencia e publicadas, incluindo os seus notaveis discursos pronunciados na Camara dos Pares sobre a administração e estado da fazenda publica.

Espirito trabalhador e infatigavel, poucos terão estudado a governação publica, como o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, nos 22 annos que traz de carreira politica. D'ahi o muito que elle conhece e sabe dos negocios do Estado. Ministro das obras publicas, em 1881; da fazenda em 1883; dos estrangeiros em 1890 e presidente do conselho com a pasta da fazenda, em 1893; em todos estes governos affirmou os seus dotes de estadista e legislador.

Citaremos a remodelação do imposto do sello e do sal; a reforma das alfandegas e da fiscalisação externa; as operações da Caixa Geral dos Depositos, da economica e da de aposentações; a construcção de varias linhas ferreas, taes como a de Lisboa a Torres á Figueira, a da Beira Baixa, a de Mirandella e de Vizeu. Alargou a rede do sul, sueste e do Algarve. O caminho de ferro de Salamanca a Villar Formoso e Barca d'Alva. Inaugurou as obras do porto de Leixões. Plano geral de pharoes, marcos e balisas para a navegação. Projecto de sociedades commerciaes. Inquerito industrial, etc.

Mas não precisamos ir mais alem n'estas breves e despretenciosas linhas com que acompanhamos o retrato do illustre estadista. A sua escolha para chefe do partido regenerador é a prova mais eloquente dos elevados dotes de alma e coração que distinguem o sr. Hintze Ribeiro, o reconhecimento do seu valor politico de homem de Estado á altura de chefe de um partido.

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

As ultimas noticias mais importantes do theatro da guerra são a morte do general boer Joubert e algumas tentativas para a tomada de Mafeking pelos inglezes, mas em que estes tem sido mal succedidos.

De resto varios recontros e escaramuças entre os dois exercitos, mas sem grande importancia, pois que é evidente que os boers teem evitado maiores combates e se concentram nas fronteiras do seu paiz, onde a lucta será então decisiva, havendo opiniões que esta segunda parte da guerra será mais terrivel e de resultados mais imprevistos do que a primeira.

E' certo que a morte do general Joubert, esse velho heroe, que já enfraquecido pela doença, luctou até á ultima esquecendo-se do soffrimento de que foi victima, é uma perda importante para os boers, entretanto parece que assumirá o commando o general Botha, dizendo-se tambem que o proprio Kruger se collocará á frente do exercito.

Mafeking continua em poder dos boers apesar das tentativas que os inglezes teem feito para a tomar, tendo sempre sido repellidos com grandes perdas e os ultimos telegrammas dizem que Roberts mudou de plano abandonando Mafeking aos seus proprios recursos. Repetidos recontros e escaramuças se tem dado, atacando a cavallaria ingleza alguns destacamentos e comboios de viveres boers, como o que representa a nossa gravura, mas sem grandes vantagens para os inglezes e até em alguns d'esses recontros soffrendo consideraveis perdas.

A lucta promette continuar, e ainda mal para os direitos humanos n'este fim de seculo em que tanto se tem fallado em paz.

As potencias da Europa e da America abstem-se por emquanto de intervirem como medianeiras da paz, em vista da resposta do governo inglez aos presidentes das duas republicas da Africa do Sul, de que só acceitaria a paz com a submissão completa e incondicional, ficando aquelle paiz sob a soberania da Inglaterra.

Esta resposta fez perder a esperança de uma conciliação e accentuou quaes as intenções do governo inglez, o que deve ter influido bastante no animo dos boers, determinando-os a baterem-se até á ultima, pois sabem que perdem a sua independencia se forem vencidos.

HORAS DE JANTAR

Que grasnada fazem os gansos!

Elles salvaram o Capitolio; mas isso já foi ha tanto tempo...! Não é com certeza por essa façanha que a pequenina tão gentil lhes traz no avental as hervas tenras por que elles se perdem.

Que formosinha ella é, a pegureira! E como, se elles tivessem o pescoço mais comprido e elegante, a voz canora dos seus primos da fabula e abrigassem dentro um deus, este se apaixonaria mais uma vez pela nova Leda!

Mas Jupiter já não anda pela terra, a pastorinha não é de sangue real,... e um ganso não é um cysne.

Mas felizes aves aquellas, e quem sabe o que ellas dizem, de lindos villancetes e voltas, no seu grasnar a tão formosa dona!

Que se os cysnes fazem poemas, não é muito de espantar que faça trovas um ganso.

Francisco Rafael da Silveira Malhão

...sobre colher d'um nome illustre,
Que da historia reverdes!

Canticos — J. S. MENDES LEAL.

No dia 16 de março de 1794 [1] nasceu este notabilissimo orador sagrado e insigne poeta na nobre e sempre leal villa d'Obidos, patria de varões illustres [2], e uma das terras da estremadura que a arte da guerra, em outros tempos, fez cingir de fortes e levantados muros.

O eminente estadista, dramaturgo e poeta de elevado merito, José da Silva Mendes Leal, saudando em 25 de dezembro de 1848 o mavioso cantor, diz na primorosa ode, que lhe endereçou:

Foi teu berço, é teu leito (oh! que has d'amal-o!)
A veiga florescente.
O monarcha da serra é teu vassallo, [3]
E Deus teu confidente!

Era filho do bacharel e tambem poeta, Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão e de D. Josefa Margarida Ribeiro da Gama, baptisado na freguezia de S. Pedro d'aquella villa, a 8 d'abril de 1794.

Herdeiro d'uma esplendida lyra, era sobrinho d'outro poeta distinctissimo, morto no verdôr da edade, Antonio Gomes da Silveira Malhão.

Uma familia d'arcades, como muito bem disse um dos seus mais sinceros admiradores.

Foi, desde os primeiros estudos, Francisco Rafael da Silveira Malhão muito considerado pelos seus professores.

No Seminario de Santarem sobrepuja e avantaja-se a todos os outros alumnos pela sua privilegiadissima intelligencia, tanto nos preparatorios, latim e latinidade, logica, rethorica e poetica, canto e musica etc., como nas sciencias ecclesiasticas a que se dedicou para seguir a vida sacerdotal, graças á benemerita influencia do desembargador, Joaquim Maria de Barros e Almeida, prior da egreja parochial de S. Pedro da villa d'Obidos e vigario geral.

N'aquelle seminario manteve o talentoso alumno uma conducta modêlo por espaço de nove annos, periodo que julgou sufficiente para se applicar áquelles estudos, não superficialmente, mas para os profundar, como por muitas vezes o havia manifestado ao então reitor do seminario o venerando padre João Farto, homem de vastissima erudição e orador abalisado.

Tinha o joven levita 23 annos d'edade, (eram seus paes já fallecidos), quando tomou as ordens de presbytero. Apenas ordenado regressou para junto de seus irmãos; e n'esse retiro continuou vivendo sem jámais os desamparar.

Habitava uma casa pequena e humida, em uma das estreitas viellas da villa, á esquina d'uma rua olhando por um dos lados para a egreja de S. Pedro, onde jaz sepultado. [1]

Sacerdote d'irreprehensivel pureza de costumes, o seu unico desafogo era o passeio. Algumas vezes o vimos em uma d'essas bellas tardes de verão, quando o sól começava a descambar no horisonte a passear pelos arredores da villa. Encontrava agricultores, e folgava de conversar com elles. Outras vezes, durante a estação hyemal, vimol-o meditando ao sól na alpendurada da praça embuçado no seu grande capote, a que elle chamava as suas seis varas de briche.

Alto e robusto, de proporções esculpturaes, era dotado d'uma physionomia insinuante e attrahente, em que rutilavam dois olhos vividos de luz e de alma e de uma dôce jovialidade em brilhante harmonia com a dignidade do seu ministerio.

Fecunda e animada a sua conversação era d'uma modestia inexcedivel, e sem envaidecimento algum pelas honras do mundo, a que seu merito lhe dava direito.

Tudo renunciou com a mais affectuosa e simples polidez.

Apenas foi socio correspondente do *Instituto* de Coimbra.

A vasta illustração e o portentoso engenho d'este homem revelou-se, tanto na tribuna sagrada, como nos dominios da poesia. Os certamens poeticos o distrahiam e os epistolares o deleitavam. A seu respeito ouçamos o sabio escriptor, o sr. D. Antonio da Costa de Sousa Macedo, já que nós não temos assás urdidura, nem mãos adextradas para lhe tecermos um panegyrico condigno.

«Descendente de poetas, é-o tambem, e juntamente o primeiro orador d'este paiz. Lacordaire portuguez, o vôo da imaginação corre-lhe a par da elevação dos pensamentos, da pureza da linguagem, e do torneado das imagens que lhe ornam os discursos. Ecco d'outras eras, o illustre orador sagrado para tudo o auxiliar até a transpiração d'uma saudade que rescende das suas palavras. Bordalue, Massilon, Bossuet são seus irmãos do pulpito, mas o orador d'Obidos leva-lhes a vantagem de ser um poeta de raça e de inspiração.»

A epoca em que floresceu o prégador poeta foi realmente muito brilhante para as letras portuguezas.

Uma pleiade de sabios! Na oratoria sagrada, dr. Antonio José da Rocha; na historia, no romance, e na poesia, Alexandre Herculano, Garrett, Castilho e outros.

E, de facto, as orações do beneficiado d'Obidos extremam-se pela belleza das imagens e pelo esplendor da locução. Sua voz era um prodigio; suave, harmoniosa, sonora e vibrante encantava-nos e arrebatava-nos sobremodo; e o seu gesto era d'uma naturalidade incomparavel.

Este egregio orador foi grande, inimitavel, principalmente na oração funebre [2], que prégou em S. Vicente de Fóra nas exequias do conde de Barbacena, (Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro). Ali accentuou a largos e formosissimos traços o complexo de virtudes e meritos que exornavam este illustre titular, devotado caudilho da fé christã; e fel-o por forma tão distincta, tão correcta e tão levantada, que deixa encantado o esclarecido auditorio que o escutava com a mais religiosa attenção.

Brilhantissima apotheose para quem ha muito dorme no sepulchro o seu somno de gloria!

Prestigiosa e magica eloquencia a d'este insigne orador sagrado!

A fama dos seus admiraveis discursos corre cidade fóra.

---

[1] Este dia marca, n'aquelle anno, o 141.º anniversario da partida para a India do vice-rei D. Vasco Mascarenhas, 1.º conde d'Obidos, com uma esquadra de 4 navios.

[2] Foi patria de Paulo de Seixas, celebre na embaixada de Martaban, de que fala Fernão Mendes Pinto e da insigne pintora Josefa d'Ayala, mais conhecida pela Josefa d'Obidos, cuja vida escreve, em summa, Damião de Froes Perym no seu tratado das mulheres insignes.

[3] Allude-se ao castello d'Obidos.

---

[1] Estão á entrada e dentro do guarda-vento d'esta egreja, em sepultura rasa, os restos mortaes d'este grande orador, os quaes, ha muito, teriam sido trasladados para um mausoléo que a camara municipal tinha projectado construir, com o auxilio de alguns proprietarios, se a commissão districtal de Leiria se não tivesse opposto ao justo e louvavel intento da mesma camara glosando-lhe a verba que havia incluido no seu orçamento para a construcção d'este pequeno monumento!

[2] Este notavel discurso, como joia oratoria do mais acrisolado quilate, faz parte dos logares selectos do sr. A. Cardoso Borges de Figueiredo.

Em muitas partes do paiz sobe á cadeira evangelica, a instancia das pessoas mais gradas d'essas localidades, onde se celebravam apparatosas e magnificentes festividades.

Em Peniche prende a assembleia composta na maxima parte de militares, (os promotores da festa), com as maravilhas da sua inspirada eloquencia, no sermão de Santa Barbara, onde põe em clara evidencia o lustre dos nossos brios guerreiros, sempre affirmados e robustecidos pela crença e pela fé; e sob este ponto de vista, vivamente apreciado á luz dos factos que a historia nos aponta, enaltece o valoroso exercito portuguez.

Todos os annos o orador poeta vinha com sua presença dar maior brilho ás festas da Nazareth, já de si grandiosas pela pompa e apparato com que os cirios da Praia Grande, Caldas da Rainha, Obidos e Penella costumam festejar o antigo milagre, coevo da monarchia.

N'esta já tão vetusta commemoração, o enthusiasmo festival redobra, ouvindo-se os hymnos vibrantes que as musicas d'estes cirios, e as da Nazareth, atiram ao espaço por entre a enorme agglomeração de povo, em quanto que innumeros foguetes cortam o azul n'umas linhas caprichosas, estrallejando lá em cima, no alto, n'uma ruidosidade estonteante.

No dia em que o cirio d'Obidos celebrava a sua festa, e era pregador o beneficiado Malhão, todas as classes accorriam ao templo, ricamente ornamentado, para ouvir o verbo eloquente e cheio d'elegancia d'este orador.

Em um d'esses dias — 12 de setembro do anno de 1857, — se a memoria nos não falha, achava-se entre o numeroso auditorio o prestigioso tribuno parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães, que ouvia pela primeira vez o grande orador Malhão.

Então a presença do tribuno parlamentar sobresahia pela forma distincta porque o escutava. A este enlaça-o e prende-o a magestade da eloquencia inspirada do orador d'Obidos, a que lhe dá nitido relevo a inflexão de sua voz; e de surpreza em surpreza arrebata-o tanta opulencia oratoria, que irrompe, n'um irreprimivel accesso d'enthusiasmo, com bravos e com palmas, em plena egreja.

FRANCISCO RAFAEL DA SILVEIRA MALHÃO

E na verdade a palavra nos labios d'este extraordinario orador era um magico instrumento de proselytismo.

Nunca deixou d'acompanhar o cirio de Obidos ao Sitio da Nazareth, nem de escrever as lôas e hymnos sagrados para se cantarem em honra e louvor da Virgem.

Era esta a sua devoção predilecta.

N'esta parte seguia as honrosas tradições de seu pae, como tivemos occasião de ver no livro que este escreveu em prosa e verso, sob o titulo as suas *Epocas*.[1]

Alguns annos houve que o beneficiado Malhão, depois de terminadas as festas, não acompanhava o cirio até Obidos para mais tranquillamente poder gosar a estimavel companhia do seu dedicado amigo, (fallecido ha annos), o sr. José d'Almeida Salazar, Ermitão-mór da Real Egreja de Nossa Senhora da Nazareth, o eximio cultor de musica sacra, qualidade muito apreciada pelo sabio Malhão, outro primoroso amador que, alem das deliciosas composições musicaes sacras e profanas que conhecemos, concluiu, a esse tempo, uns responsorios dignos de ser ouvidos pela suavidade e delicadeza da phrase musical, producção de que está de posse o nosso presado amigo e funccionario distincto o ex.^mo sr. José Paulo Garcia da Costa Penucho, a quem o auctor distinguia, d'entre os seus parentes, com as mais captivantes demonstrações d'estima.

Passava o nosso biographado, durante a sua estada na Nazareth, horas e horas a contemplar do sitio denominado *Passeio* o immutavel scenario que os olhos nunca se cançam de ver: o mar movendo-se em sua grandiosidade atirando para as praias nas ondas que se desdobram a sua branca espuma; ao longe as ilhas Berlengas, surgidouro e refugio das embarcações; e na terra o monte de S. Bartholomeu, outr'ora — Monte Seano — que se destaca da serra a que os agarenos chamavam *Monte Ceira*, e que pela sua posição e elevação, na phrase d'um nosso conterraneo, serve, por assim dizer, d'agulha ou ponto de mira para os pescadores do mar alto, habitantes da Pederneira, (a antiga villa de D. Diniz) — Nazareth e Praia d'este nome, povoações que durante a estação balnear são muito frequentadas por familias de differentes terras do paiz.

[1] Na Epoca X, § XX, descreve, com muita graça, as festas da Nazareth nos fins do seculo XVIII.

[2] Vide *Correio de Leiria* n.º 200 de 1 de fevereiro de 1900.

A Guerra na Africa do Sul

UM ATAQUE DA CAVALLARIA INGLEZA

Como que, para confirmar o nosso asserto, temos á vista uma carta, datada de 12 de julho de 1860, que da casa do seu particular amigo Salazar, onde sempre se hospedava, dirigiu ao talentoso escriptor e folhetinista Julio Cesar Machado, tambem já fallecido, em que nos dá bem a medida do quanto era apaixonado pelas bellezas naturaes d'estes sitios.

Pelos seguintes trechos, referentes á Nazareth, podemos aquilatar o grau de sincera affeição que lhe consagrava.

....

....

«Aqui fico n'esta terra, onde me demorarei por alguns mezes, a vêr se a mudança d'ares muda para melhor o meu estado precario de saude.

Nazareth é o objecto mais caro ao meu coração, desde a edade juvenil. Nazareth visitada por v. ex.ª dar-lhe-hia materia para uma longa serie de interessantes folhetins.[1]

Que partido não tiraria a sua imaginação d'esta posição, que tanto aproxima o homem do ceu, dos alcantis que a orlam, dos mares que lhe beijam a raiz, lá muito em baixo, da pureza d'estes ares, das tres povoações (Nazareth, Pederneira e Praia), que dão a mão umas ás outras, a primeira do pinaculo d'este velho promontorio, a segunda das collinas imminentes ao mar, e a terceira, irmã mais nova, que eu vi nascer banhada pelas ondas e visitada de tantas e tantas gentes no tempo de banhos!

Que direi ao Sanctuario da Nazareth, tão antigo como a monarchia, e de tão agradaveis reminiscencias religiosas!

A religião e a natureza offerecem aqui um rico banquete á imaginação e ao espirito reflexivo.»

....

....

(Continua) *Lino J. F. da Costa.*

[1] Em setembro de 1860, descreveu Julio Cesar Machado, em folhetins, a deslumbrante perspectiva da Nazareth e as festas. Vide *Contos ao Luar*.

HORAS DE JANTAR

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

O reinado de D. João III é ainda de uma grande importancia na historia da industria portugueza. Em pleno seculo XVI a actividade nacional manifesta-se por todas as formas e nos proprios descobrimentos se illustram as artes mechanicas que chegam até ao Japão.

Em 1524, concede el-rei licença ao emprehendedor Ayres do Quental para lavrar minas de ferro e fazer ferrarias, ficando isento de pagar o quinto. Tres annos mais tarde determina o monarcha que as ferrarias passem para a fazenda, incluindo a do Espinhal, fundada pelo mesmo Ayres.

Por este tempo fez o portuense Gonçalo Annes Caldeira um contracto com o soberano para lhe ser privilegiada uma mina de ferro que descobrira no termo da cidade do Porto, no sitio denominado Ponte de Ferreirinhs. O privilegio começou em 1530 e terminou cinco annos depois, tendo-se obrigado o empreiteiro a dar de renda seiscentos quintaes de ferro por anno. Mais tarde este contracto foi renovado, por consideração ás grandes despezas feitas por Gonçalo Annes nas pesquizas do mineral e nas obras hydraulicas necessarias, que uma enchente do rio arruinou.

O relativo desenvolvimento da industria mineira não tinha comtudo equivalente nos outros ramos affins.

Assim, era tal a falta de fundidores no reino, que D. João III recommenda ao embaixador em Roma para lhe contractar um, que fosse habil, para ensinar o seu officio.

A armaria lucrando da abundancia de metal satisfazia as maiores encommendas. Em 1533, em Santarem, fabricou-se um avultado numero de couraças e arnezes completos para irem para a India ([1]).

Em 1534, ainda Ayres do Quental descobre um jazigo aurifero na villa do Rosmaninhal, de que recebe privilegio por carta de 4 de março do mesmo anno.

E' n'este reinado, que apparece noticia da primeira fabrica de papel em Portugal, embora não fosse a primeira vez que se estabelecia esta in-

[1] Sousa Viterbo — *Artes e Artistas em Portugal*, pag. 185.

dustria, pois parece datar dos fins do seculo xiv.

Por escriptura de 1 de outubro de 1537, celebrada, como era costume, á porta de Santiago do convento de Alcobaça, emprazou o prior Antonio de Aljubarrota a Manoel de Goes, fidalgo da casa real, o sitio e a agua da levada acima dos moinhos da Fervença, no caminho de Alcobaça para Maiorga, para alli poder construir uns engenhos de fabricar papel; emprazamento feito com o fôro de duas resmas de bom papel por anno, e outras condições de menor importancia.

Ao emprazamento seguiu-se o privilegio, do qual D. João III passou carta em 10 de outubro de 1537, prohibindo que durante a vida de Manoel de Goes ninguem mais pudesse fazer nem ter engenhos similhantes, porém com a condição de que seriam postos a trabalhar dentro de dois annos.

Em ambos os documentos, a escriptura e a carta regia, se adduz a circumstancia de serem taes engenhos os primeiros que se construiram e que o seu iniciador se via obrigado a grandes despezas para mandar vir de fóra, talvez da Flandres onde estava seu irmão, o chronista Damião de Goes, o pessoal habilitado para a construcção dos moinhos e fabrico do papel.

A industria do vidro continuava com um certo incremento, privilegiando D. João III a Pero Moreno, então possuidor dos fornos de vidro na villa do Covo. O uso dos copos de vidro e outros objectos torna-se então geral.

Cerca de 1540, a industria mineira, que tivera anteriormente uma notavel actividade, decae muitissimo, contribuindo para isso o descobrimento de minas de ouro em Africa e America.

As letras patrias attingem n'este reinado um brilho superior. D'entre os grandes sabios portuguezes distingue-se o notavel geometra Pedro Nunes, que, em 1542, faz conhecer a sua elegantissima divisão e graduação do astrolabio. O nome do *nonio* deriva do seu appellido de Nunes.

Em 1556, frei Gaspar de Santa Cruz, no seu *Tratado das Cousas da China*, revela á Europa o processo completo do fabrico da porcelana, essa formosa variedade ceramica tão apreciada, cujo segredo de fabricação despertava uma extraordinaria curiosidade e que só em 1740 a França conseguiu descobrir.

Na sua regencia, durante a menoridade de *D. Sebastião*, a rainha D. Catharina promulgou, no anno de 1557, uma nova lei de minas, que subsistiu por quasi dois seculos, e na qual libertou a industria mineira, permittindo a venda livre dos metaes, com excepção do estanho. Além do imposto do *quinto*, a corôa podia tomar quasi um quarto da mina, contribuindo para a exploração com as despezas proporcionaes. A corôa reservava tambem para si o direito de exclusivo das minas de Traz-os-Montes.

A industria do papel ia progredindo. Por alvará de 22 de maio de 1565, concede o rei por quatro annos varios privilegios ao seu arauto Manuel Teixeira, para construir em Alemquer uns moinhos de fabricar papel, fabrica que parece teve longa duração, pois que ainda nos fins do seculo passado havia na margem do rio uma pequena construcção denominada o *Moinho do Papel*.

É n'este alvará que se encontra a mais notavel expressão ácerca do ennobrecimento do trabalho, dizendo assim o joven monarcha, mercê da subida illustração que o erudito padre Luiz Gonçalves da Camara, seu mestre, lhe dera:

«*E isto com attenção a ser nobreza da terra, como quem préza o trabalho e a industria e sabe que uma e outra cousa effectivamente nobilitam.*»

Assignala este reinado a grande reforma dos regimentos dos officios, feita em 1572, pelo desembargador Duarte Nunes de Leão, notavel historiador e jurisconsulto que n'esse trabalho affirmou o seu muito tino juridico.

Uma das industrias que no reinado de D. Sebastião parece achar-se mais desenvolvida e propagada pelo paiz é a dos pannos. Assim o dá a intender o *regimento dos trapeiros* de 1573. Foi n'este tempo que se introduziu em Portugal a manufactura das baetas, picotes, guardaletes e pannos de cordão, embora os portuguezes usassem em larga escala os pannos da Flandres, Allemanha, França, Inglaterra, importação que datava já de antigos tempos.

A fabrica de vidros do Covo continuava brilhantemente as suas tradicções. A Pero Moreno succedia seu genro Fernam de Magalhães Teixeira, ao qual o soberano passou carta de privilegio no anno de 1574.

A pesca do bacalhau, que desde D. João I não cessára de desenvolver-se, attinge em 1578 uma maxima importancia, havendo testemunhos de que nenhuma outra nação excedia os portuguezes nos bancos da Terra Nova. Já no reinado anterior esta industria merecera tanta attenção do governo que se estatuiu um regimento particular para as frotas que annualmente se expediam a esta pescaria. D. Sebastião renovou e ampliou esse regimento.[1]

Quanto ás fundições continuam merecendo a D. Sebastião os mesmos cuidados que a D. João III, em que estendem da India a Macau. N'esta ultima colonia se fundiram então grande numero de peças de bronze de varios calibres, sendo notaveis as fundidas por Bocarro.

N'este reinado o logar de feitor e provedor dos metaes apparece em Isidro d'Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real.

A dominação *Filippina* causou a Portugal um grande aniquilamento e fomentou a nossa decadencia. Os reis hespanhoes, tratando na apparencia a Portugal como um reino livre, subrepticia e realmente só o consideravam como paiz conquistado. Todavia, é tão grande o impulso adquirido pela industria portugueza que se não fôra o jugo extranho bem teria a nação attingido n'esta epoca grande desenvolvimento, graças aos productos coloniaes e indigenas. Ainda assim bastante ha que registar por parte dos esforços dos portuguezes.

N'esta época todas as fazendas nos vinham de fóra, graças a tratados ruinosos; apenas se podem exceptuar os pannos grosseiros, de fabricação nacional, como os bureis de côres diversas, os tecidos grossos de linho, ou *brogal*, e talvez alguns mais finos chamados *lenço*.

Na Beira, a villa da Covilhã, e no Alemtejo, Portalegre e Extremoz constituiam os centros mais ou menos laboriosos, onde se teciam saragoças á moda das de Hespanha, pannos pardos, pannos pretos grossos e estofos de varias côres.

A industria dos lanificios, que desde D. Manoel tivera um certo florescimento fôra, pois, decahindo.

Filippe I tratou logo de supprimir as coudelarias geraes do reino, no intuito de difficultar a defeza nacional, resultando um aniquilamento da creação cavallar.

Mais inclinado ao commercio o soberano hespanhol, protegendo a navegação, institue em Lisboa, por alvará de 30 de outubro de 1592 o tribunal especial do Consulado, instancia destinada a conhecer das desavenças entre mercadores e homens de negocio — uma especie de tribunal de commercio.[2]

(Continúa). *Esteves Pereira.*

O CASAMENTO

(Concluido do numero antecedente)

A condição da mulher, a organisação da familia, o casamento, attingiram fórma adequada á nobreza da creatura racional, na Grecia e em Roma?

Modificaram-se para melhor, mas a mulher continuou a vegetar n'uma posição baixa que a fazia passar de propriedade do pae a propriedade do marido.

Na ceremonia do casamento, tanto entre os gregos como entre os romanos, figurava uma simulação de rapto e patenteava-se um symbolismo rude da acção do mais forte.

A scena consistia em que o noivo suspendia a desposada e sem consentir que ella tocasse o limiar da porta introduzia-a no seu lar domestico.

«Ne veut-on pas plutôt, pergunta Fustel de Coulanges, *La cité antique*, marquer fortement que la femme qui va sacrifier à ce foyer, n'y a par elle-même aucun droit, qu'elle n'en approche pas par l'effet de sa volonté, et qu'il faut que le maître du lieu, et du dieu, l'y introduise par un acte de sa puissance?

Como quer que fosse a mulher de Sparta ficou reduzida ao plano secundario de femea do homem, a de Athenas foi sobrepujada pela hetere livre e cortezã e a romana desceu de desenvoltura em desenvoltura até ao total estragamento dos costumes.

Mas a Grecia, que isolava a esposa no gyneceu e permittia que as Aspasia rendessem a seus pés os Pericles, havia talvez inaugurado a monogamia e dera o exemplo feliz dos dotes.

Roma, reduzindo a Hellade a provincia e consolidando na pessoa de Augusto o sonho imperial de Cezar, adquiriu todos os vicios que acompanham a grandeza dos triumphos e o poder demasiado, enfermou pela voragem dos excessos e perdeu-se diante dos barbaros.

É então que o casamento assume toda a preeminencia typica que lhe é devida, e os povos que o acatam mantendo-lhe a feição monogama e o caracter de indissolubilidade apresentam-se firmes na sua energia varonil, solidarios na sua vida intima e respeitaveis nas suas relações exteriores.

É que: «As leis romanas, J. J. Ampère, *A Grecia, Roma e Dante*, podiam ser sepultadas no pó e nas trevas; a moral do Nazareno tinha deposto no fundo das almas o germen d'onde a sociedade moderna devia sahir. Algumas nações barbaras adoptaram em parte o direito romano, mas a lei que o christianismo annunciava devia ser um dia o codigo moral da Europa civilisada».

Troplong affirmou com muita propriedade que: «Na hora em que o christianismo foi prégado, *Da influencia do christianismo sobre o direito civil dos romanos*, o casamento era o menos solemne dos contractos; era perfeito pelo consentimento e nenhuma ceremonia religiosa ou civil se exigia para assegurar-lhe a validade».

A semente lançada á terra pelos apostolos do Evangelho começou porém a produzir os seus fructos, a continencia principiou a contar adeptos reconhecidos, a mulher iniciou-se no ministerio venerando da sua triplicidade, filha, esposa e mãe, e o conjuncto social estatuiu-se por preceitos elevados e modelou-se por normas estaveis.

No seculo em que vivemos avança-se a passos de gigante no pendor da degeneração e da immoralidade, mas não obstante isso, se fizermos a comparação do estado dos paizes que ainda conservam o casamento na unidade matrimonial e no recato da honestidade com o d'aquelles que a luz da civilisação não esclareceu ou dos que estão aindos ás uniões multiplas, notaremos que a decadencia d'estes ultimos é muito mais apressada e lastimosa.

Vou aqui registar uma pagina curiosa e interessante de um illustre diplomata brazileiro, Henrique C. R. Lisboa, *A China e os chins*: «Ninguem póde casar-se estando de luto de pai ou mãe, sob a pena de nullidade e de cem golpes de bambú; si o luto fôr de outro parente, o casamento é valido, mas não se escapa ao bambú. A lei tira toda a intervenção á mulher na escolha do seu esposo; aos pais cabe exclusivamente tratar esse delicado assumpto, por vezes na infancia dos filhos, á moda da antiga aristocracia européa. O noivo tem, porém, o recurso de empregar inculcadoras de officio, que lhe fornecem informações sobre as prendas moraes e physicas da pretendida, completando-se algumas vezes estas ultimas com o seu retrato. Nenhum registo official ha para os casamentos; o unico documento comprovante da sua celebração é o recibo da quantia paga ao pai da noiva pelo noivo. Essa quantia, em geral insignificante (nunca chega a cem mil réis) não representa um valor real de compra e é apenas uma formalidade indicativa da submissão em que deve ficar a mulher diante do marido e senhor, do qual «será unicamente a sombra e o echo».

Não succede outro tanto em relação ás concubinas que são pessoalmente escolhidas e compradas por sommas mais ou menos avultadas. Por isso acha-se limitado o concubinato ás classes ricas ou aos que, depois de alguns annos de casamento, não conseguiram ter prole. A mulher legitima exerce um dominio absoluto sobre as concubinas, cujos filhos ficam-lhe mesmo attribuidos legalmente. A lei autoriza porém a estas livrar-se do concubinato pelo casamento; mas, na pratica, é raro encontrarem noivos que se exponham ao resentimento que produziria o uso d'essa faculdade. Em compensação, as concubinas podem ser vendidas ou recambiadas á sua familia e é o que succede geralmente quando não prehenchem a missão para a qual foram tomadas, isto é, de dar um herdeiro ao seu senhor, ou quando este morre, caso em que o filho que lhe succede não póde conserval-as sob o seu tecto, á excepção da que fôr sua mãe, a qual assume uma posição quasi igual á da viuva do pai. Esta não pode contrahir segundas nupcias sinão depois de guardar um rigoroso luto de tres annos. A esposa adultera póde tambem ser vendida ou recambiada aos pais,

---

[1] *Memoria da pesca do bacalhau*, já citada, e transcripta no livro *As pescas em Portugal*, do sr. Baldaque da Silva.

[2] Tinha este tribunal um juiz de appellação, prior, dois consules, letrado assessor, quatro conselheiros, escrivão, visitador, regulador, thesoureiro, feitor, meirinho e varios escrivães.

Com o fim de proteger as naus da India contra os ataques dos corsarios — tinha alçada para organisar todos os annos uma armada, de doze velas pelo menos, com mantimentos para nove mezes, artilheria e munições de guerra, destinada a guardar a costa e comboiar aquellas naus desde as ilhas. Creando recursos para a organisação e conservação d'estas armadas determinou Filippe I que o consulado cobrasse um imposto de 3 por cento sobre o rendimento das alfandegas.

sendo castigada pela flagellação das faces; mas o adulterio é alli rarissimo, tornando-se mesmo materialmente impossivel nas classes accommodadas, pela reclusão em que vivem as mulheres, sem communicarem-se com outros homens além dos maridos. Estes podem obter divorcio quando provam nas mulheres esterilidade, conducta immoral, falta de respeito á familia, disposições ao roubo ou á calumnia, ou alguma enfermidade chronica. A mulher divorciada deve voltar á casa dos pais, os quaes são em alguns casos castigados pela má fé com que promoveram ou consentiram nos casamentos».

Um tal quadro degradante explica logicamente a inercia em que tem jazido o povo chim, ainda debilitado pela paixão do opio.

Creio haver demonstrado de modo indirecto, n'esta rapida exposição, que o casamento monogamo e indissoluvel, constitue o titulo mais apreciavel das sociedades cultas e fixa a regra emancipadora e levantada em que se resolvem ao bom sentido philosophico todos os problemas de ordem publica e todas as turbulencias familiares.

A communidade das mulheres é uma utopia irrealisavel e uma leviandade manifesta.

Desde Platão, que a proclamou na sua republica ideal, desdizendo-se logo, até Fourier que a advogou para o *Phallansterio* imaginario, nunca mereceu que alguem de senso regular se preoccupasse com o seu estudo serio.

O que é imperioso e util para todos é uma educação casta e moralisadora.

«N'uma cabeça feminil, Madame M. de Marcey, *A mulher christã*, a exageração leva rapidamente do paiz da verdade ao das chimeras; e a imaginação, essa ave voluvel e vagamunda, voltando com delicia d'um ao outro, chega breve a confundir inteiramente estes dois paizes, e termina a meude fixando-se no segundo, sempre mais risonho e fascinador. Assim, na occasião d'um casamento, quando ainda se prestam todas as apparencias e todos os usos ás invasões da illusão, importa duplicar a vigilancia sobre as impressões do coração e sobre os sonhos da imaginação».

O trecho que acabo de inserir aqui, contendo conselhos sensatos e revelando sciencia certa, tem toda a auctoridade da penna que o traçou, visto pertencer essa penna a uma mulher illustrada e imparcial.

No momento actual dispartem muitas blandicias do divorcio e aprumam-se descontentes de *celharias* para saudar a innovação: eu medito e applaudo estas linhas de D. Antonio da Costa no livro intitulado *O christianismo e o progresso*: «O divorcio foi a lei das sociedades antigas, e, como resultado, a mulher não passou de escrava moral do homem. É a indissolubilidade do casamento que ennobrece a mulher, porque a mulher é o centro fundamental da familia, e com o divorcio a familia desapparece. Imaginaes que a primavera do amor florirá sempre, e que o encanto da variedade poderá resistir ao avançar dos annos? O triste desengano vos ensinará, quando tiverdes transposto a meta da esperança. Se quereis obter do mundo o mais que elle vos póde dar, sustentae a indissolubilidade, porque só n'ella encontrareis os elementos domesticos de felicidade tranquilla e duravel».

Confesso que a minha consciencia se revolta ao pensar na possibilidade de ver acorrentado qual Prometheu da fabula, ao Caucaso da vergonha eterna o marido de uma esposa infiel; mas mais me revolta a consciencia a vista do homem brutalmente cynico, bestialmente alvar e miseravelmente abjecto que ousa converter em Messalina a sua propria mulher e em lupanar o recinto inviolavel do seu domicilio conjugal; mas mais me revolta a consciencia a cobardia vilissima e descarada do jogador crapuloso que corre aos antros da roleta e do monte, cavernas hediondas dos Caco que pullulam nos nossos dias não só nas margens do Tibre, e ahi passa noites inteiras perdendo a saude, a dignidade e a bolsa sem se lembrar da pobresita solitaria e dos filhos sem pão.

Viuva e orfanados de um vivo, desprezivel.

Quando levaram a mulher adultera á presença do Doutrinador da Judéa e que Jesus Christo proferiu a divinal sentença que ainda agora retine em nossos ouvidos, todos os captores a largaram retirando-se.

Nenhum se aventurou a lapidar a desgraçada, porque nenhum se reconheceu isento de culpas.

Acho preferivel não fallar do divorcio, tão susceptivel de atear incendios sopitados, de revolver lôdos infamantes e de escancarar charcos immundissimos.

Mettam-se antes hombros a emprezas de philantropia e de caridade, lucte-se com esforço viril e animo assente contra os prejuizos da ignorancia e os devaneios da loucura, eduque-se cada um a si mesmo e procure contribuir para educar o povo, porque se houver qualquer sacrificio pungente resgatal-o-hão de sobejo a honra e a gloria da patria!

18—3—1900.

D. Francisco de Noronha.

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

— Exactamente.

— Hum!... E está lá socegado?...

— Mudei-me ha tão pouco!

— Hum!... Só quero dizer... Hum!... E nada notou por ora insolito?

— Com franqueza...

— Quero dizer que... evidentemente estará lá muito bem, se lhe agrada o quarto... Não é o que eu queria dizer, queria prevenil-o... mas conhecendo o seu genio... E como acha esse velho mechtchamine?

— Parece-me muito doente.

— Sim, soffre muitissimo... mas então ainda não notou... Já conversou com elle?

— Pouco. É tão calado e pouco cortez...!

— Hum!

Yaroslav Ilitch ficou meditabundo.

— Um infeliz, disse, depois d'um silencio.

— Elle?

— Sim, um infeliz, e ao mesmo tempo extranho e interessante tanto quanto possivel. De resto, visto que elle o não incommoda, desculpe-me ter chamado sua attenção para o assumpto; mas desejaria saber...

— Excita-me até a curiosidade. Diga-me o que sabe. Tanto mais que, morando em casa d'elle, é do meu interesse...

— Saiba então que esse homem passa por ter sido riquissimo. Era negociante, como já deve ter ouvido contar. Mas arruinou-se. Um temporal metteu-lhe no fundo uns poucos de barcos carregados de mercadorias. A fabrica que elle tinha, confiada, creio eu, a um seu parente chegado, ardeu e o tal parente já ficou no incendio. Ha de confessar que são terriveis estas desgraças! Mourine, dizem, cahiu então em grande desesperança. Temeram viesse a perder o juizo e o caso é que n'uma desordem que teve com outro negociante, que tambem tinha embarcações no Volga, revelou-se de repente tão exquisito, que tudo quanto depois tem feito, foi sempre attribuido a doidice. É tambem minha opinião. Deram-me já pormenores d'algumas de suas singularidades. Aconteceu-lhe porfim uma ultima desgraça, verdadeira fatalidade que só póde ter explicação na influencia maligna do destino.

— Que foi?

— Dizem que n'um accesso de loucura attentou contra a vida d'um moço negociante de quem fôra sempre muito amigo. Tão desesperado ficou ao voltar a si que por um triz se não mata. É o que se diz pelo menos. Não tenho mais informações sobre o que fez depois. Crê-se entretanto que durante muitos annos se entregou a religiosas penitencias... Mas que tem, Vassili Mikhailovitch? Fatiga-o a minha historia?

— Não, não! Em nome do céo! Continue, continue... Diz que se entregou a religiosas penitencias... Mas elle não vive só...

— Não sei. Dizia-se que vivia só. Pelo menos mais ninguem andava envolvido n'este caso. De resto, afóra isto nada sei, a não ser...

— A não ser?...

— Sei apenas... quero dizer... não sei senão o que disse... Queria tão só prevenil-o de que se n'elle achar qualquer singularidade, fóra do curso normal das coisas, deve julgar que tudo isso é simples consequencia de suas innumeras desgraças.

— E' muito devoto, um verdadeiro beato.

— Não creio, Vassili Mikhailovitch. Soffreu tanto! Por mim, creio que elle tem um excellente coração.

— E já não está doido? Tem o espirito já são?

— Ah! decerto! Posso assegurar-lh'o, e jural-o, está no goso perfeito de suas faculdades. Apenas, como aliás notou com muita observação, é extranho e muito devoto. E' até um homem intelligentissimo. Fala perfeitamente, com franqueza e habilidade. Tem estampados no rosto os tormentos da sua vida. E' deveras um homem singular. Muito versado em livros.

— Não lê constantemente livros devoção?

— Constantemente! é um mystico.

— Como assim?

— Como lhe digo; é um mystico. Isto fica entre nós, até sei que o vigiaram muito seriamente durante um certo tempo. Esse homem tinha uma influencia para temer em quantos vinham consultal-o.

— Que influencia?

— Acredite-me, se quizer... Então ainda elle não vivia n'este bairro. Alexandre Ignatievitch, honrado cidadão, burguez estimavel, occupando uma alta posição e gosando da consideração de todos, veio vel-o um dia, por curiosidade, acompanhado de certo tenente. Batem á porta. O Mourine abre e, que homem singular! olha-lhes fito para a cara. (É lá o seu costume: quando quer ser prestavel a alguem, olha fito para as pessoas, se não manda-as embora.) Depois diz-lhes brutalmente: — Que querem os senhores? — Deixe a sua arte ensinar-lh'o sem que nos seja necessario dizel-o, responde Alexandre Ignatievitch. — Venham então comigo para outro quarto, diz Mourine, dirigindo-se sem hesitações para aquelle que exactamente o desejava consultar. Alexandre Ignatievitch não me disse o que depois se passou, mas sahiu de lá branco como a camisa. O mesmo succedeu com uma senhora das mais finas. Sahiu tambem branca como a camisa, lavada em lagrimas, pasmada da eloquencia d'esse homem e aterrorisada com suas predicções.

— É singular! Mas agora já não vive d'isso?

— Prohibiram-lh'o severamente. Ha ainda outros casos curiosissimos!... Um dia, um joven alferes, flor e esperança d'uma grande familia riu-se d'elle. «De que te ris? disse-lhe o velho irado, sabes o que será de ti dentro em trez dias?» E, uma sobre a outra, cruzou as mãos como a fingir um cadaver.

— E depois?

— Nem me atrevo a creditál-o, mas ha quem diga que a prophecia se realisou. É um condão que elle tem, Vassili Mikhailovitch... Ri-se? Bem sei que a sua sciencia vale mais do que a minha, mas creio em Mourine e que não é um charlatão. O proprio Pouchkine conta um caso parecido...

— Hum! não quero contradizel-o...

— Disse, me parece, que elle mora só.

— Não sei... Mora com elle a filha, creio eu.

— A filha?

— Sim, ou talvez a mulher. Móra lá uma mulher é o que eu sei. Mal a vi e não reparei...

— Hum! é singular...

Ordinov ficou-se meditabundo. Yaroslav Ilitch tambem se poz a meditar. Commovera-o o encontro do amigo e tambem a satisfação que lhe davam as historias interessantes que contava com tão lindo estylo. E alli se deixou ficar, fumando o seu cachimbo e contemplando Vassili Mikhaïlovitch. Mas, de repente, ergueu-se com ar azafamado.

— Já uma hora! Ia-me esquecendo... Caro Vassili Mikhaïlovitch, mais uma vez bemdigo minha boa sorte por este feliz encontro. Mas tenho que me ir embora. Dê-me licença para que o vá visitar ao seu gabinete de sabio.

— Sou eu que lh'o peço, dar-me-ha muita satisfação. Tambem eu o hei de procurar, logo que tiver tempo.

— Deverei acreditar em tão boa promessa? Far-me-hia, devéras, favor, um grande favor. Não póde imaginar a alegria que me deu vêl-o!

Sahiram do traktir. Sergeev vinha voando ao encontro d'elle e precipitadamente explicou a Yaroslav Ilitch que Wilem Emelienovitch dignava-se vir. Effectivamente, pouco depois chegaram dois bons cavallos rapidos tirando uma poletka; (1) o cavallo do lado era o mais notavel. (2) Yaroslav Ilitch apertou como n'um tornilho a mão «d'um dos seus melhores amigos», levou dois dedos ao chapéo e foi ter com o drojki. (3) Sem parar, voltou-se para traz duas vezes e disse adeus a Ordinov com a cabeça.

Ordinov sentia-se tão cançado em tal abatimento physico e moral, que mal podia arrastar-se. Custou-lhe a chegar a casa. No limiar do portão encontrou outra vez o dvornik, que com attenção observára Ordinov e Yaroslav Ilitch despedindo-se. De muito longe fez o tartaro signaes como que para convidar Ordinov a vir falar-lhe. Mas este passou sem olhar para elle.

Na escada esbarrou com força n'um velhoxinho parado que, d'olhos baixos, sahia de casa de Mourine.

— Seja em desconto dos meus peccados, disse

(1) Carruagem muito leve.

(2) Na Russia põem um cavallo entre os varaes e o outro ao lado.

(3) Carruagem descoberta.

muito baixinho o homemzinho achatando-se de encontro á parede, com a elasticidade d'uma rola.

— Magoei-o?

— Não. Agradeço-lhe humildemente a sua attenção... Meu Deus! meu Deus!

E o homemzinho, com a sua tossesinha e aos suspiros e resmungando padre-nossos, acabou de descer com toda a cautella. Era o proprietario de quem o dvornik parecia ter tanto medo. Foi então que Ordinov se lembrou de o ter já visto, quando de sua mudança, em casa de Mourine. Sentia-se irritado e indignado e conhecendo que sua imaginação e impressionabilidade estavam repuxadas até aos ultimos limites, decidiu desconfiar de si mesmo. Pouco e pouco foi cahindo n'uma especie de torpor. Sentia-se oppresso. O coração angustiado e dorido sentia-o como afogado em lagrimas interiores.

Deitou-se na cama, que já lhe haviam feito, e poz-se á escuta. Ouviu duas respirações, uma forte, doente, entrecortada, a outra ligeira, mas desegual, como se tambem se sentisse oppressa, como se outro coração, ao pé do seu, ali batesse com o mesmo impulso e pela mesma paixão. Por vezes percebia o roçar d'um vestido ou o ruido doce d'uns passos ligeiros, ruido que dentro n'elle resoava maiga e dolorosamente. Por fim ouviu ou pareceu-lhe ouvir uns soluços, um suspiro, uma oração. E então, sua fantasia, viu-a, de joelhos em frente da imagem com as mãos juntas e estendidas n'um desespero... — Que tem ella? Por quem reza? Que paixão invencivel lhe subjuga o coração? Porque se tornou elle em fonte de lagrimas inexgotavel?...

Tudo o que ella lhe dissera ainda resoava como musica a seus ouvidos, e a cada uma de suas palavras que relembrou e devotamente repetiu, respondia o coração com um bater secreto... Pois quê? pois não era tudo aquillo um sonho?... Mas logo toda a ultima scena entre elle e ella lhe accudiu á lembrança, outra vez se lhe representou ante a fantasia, e assim reviu Catharina tão triste, tão triste! e outra vez cuidou sentir sobre seus labios aquelle halito quente... e aquelles beijos...!

Fechou os olhos, deixou-se ficar n'uma somnolencia...

Ouviu um relogio longe batendo horas. Era tarde. Cahia a noite.

De subito, no entresonho, pareceu-lhe que ainda ella sobre elle se debruçava, que para elle olhava com seus olhos, maravilha de claridade, scintillando com lagrimas de alegria, olhos doces e claros como a cupula anilada do céo immenso n'um dia lindo. E todo seu rosto era tão luminoso, brilhava em seu sorriso tão profunda ventura, com tão infantil e amoroso impulso se debruçava sobre os hombros de Ordinov, que este, succumbindo a tanta alegria, soltou um gemido. E ella falou-lhe palavras ternas e elle reconheceu a musica que em seu peito vibrava. E aspirava com ancia o ar aquecido, electrisado pelo halito d'ella. Estendeu os braços, suspirou, abriu os olhos...

Ella ali estava, curvada sobre elle, lacrimosa, fremente pela commoção, pallida de terror. Falava-lhe, qualquer coisa lhe implorava, ora juntando as mãos, ora acarinhando-o com os braços nus. Elle agarrou-o, puxou-a para si e ella deixou-se cahir fremente sobre o peito d'elle.

(Continúa).

NECROLOGIA

JERONYMO FERREIRA DA SILVA

A industria portugueza deveu muito a este infatigavel e intelligente obreiro do progresso, que tinha verdadeiro enthusiasmo por tudo que se relacionava com o desenvolvimento do trabalho nacional.

Jeronymo Ferreira da Silva nasceu em 1839. Era conservador do Museu Industrial e Commercial de Lisboa, estabelecido junto ao edificio dos Jeronymos, em Belem. Foi commissionado pelo governo portuguez ás exposições de Paris de 1889 e de Anvers de 1894 como organisador das secções portuguezas n'aquelles certamens das artes e das industrias.

Em 1888 fez parte da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza, na Avenida da Liberdade e todos se recordarão da grande actividade que Jeronymo da Silva desenvolveu nos trabalhos, e superior intelligencia com que organisou varias secções.

O governo portuguez conferiu-lhe honrosas distincções e entre essas a medalha do Merito Industrial, que era, principalmente a que Jeronymo da Silva mais apreciava.

Caracter enthusiastico pelo bom nome portuguez, coração bondoso e dedicado, tinha pelos amigos que muito o apreciavam um culto de verdadeiro homem de bem.

JERONYMO FERREIRA DA SILVA — FALLECIDO EM 22 DE DEZEMBRO DE 1899

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Gazeta dos Caminhos de Ferro — *XIII anno — Lisboa 1900. Director Mendonça e Costa.*

Com o seu numero 289, relativo a 1 de janeiro de 1900, iniciou o seu 13.º anno de publicação este conceituado periodico, sob a direcção esclarecida do nosso amigo e collega sr. L. de Mendonça e Costa, pelo que sinceramente o felicitamos.

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* é uma interessante revista, prestando notaveis serviços aos seus assignantes e leitores em geral, pois os traz ao facto dos assumptos mais dignos de conhecimento dentro da sua especialidade. Bem merece, pois, o lisongeiro apreço que sempre tem recebido.

Bibliographia Indiana — É sempre com sincero prazer que noticiamos mais uma especie bibliographica vinda da nossa India. Em verdade, O OCCIDENTE tem conseguido merecer em tão longinquas terras portuguezas uma estima que muito nos penhora. Rara é a mala em que os estudiosos filhos da India nos não enviam qualquer producção litteraria ou scientifica, honrando-nos sobremaneira não só com a distincção da offerta como com as benevolas palavras que por vezes nos dedicam.

Buscando corresponder devidamente a tão captivantes extremos, temo-nos aqui referido sempre o mais largamente possivel a esses trabalhos, não deixando de pôr em relevo as qualidades, boas ou más, que logramos descobrir em cada um d'elles.

Não tem consentido, porém ultimamente, o elevado numero d'essas publicações que lhes dedicassemos devida referencia, e, mal nos precatamos, nos rodeiam bastantes livros e folhetins, dos quaes não sabemos como dar a devida conta. D'aqui um atrazo grande, de que pedimos desculpa aos respectivos auctores.

Não querendo demorar por mais tempo a noticia de alguns d'esses livros, conglobaremos aqui hoje, em summaria rezenha, os seus titulos, esperando ainda dedicar aos mais importantes, de entre elles, uma tão demorada quão merecida attenção.

Relatorio *sobre o serviço das mattas de Gôa (2.º semestre de 1897 e anno civil de 1898) pelo administrador das mattas João Vasco de Carvalho — Nova Gôa — Imprensa Nacional — 1899.*

Relatorio *sobre os serviços dos correios do Estado da India (relativo ao anno civil de 1898) por Luiz José de Sousa e Brito, administrador geral dos correios — Nova Gôa — Imprensa Nacional — 1899.*

Relatorio *do serviço de saude (referido aos annos de 1897 a 1898 e 1898 a 1899) por Raphael Antonio Pereira, chefe do serviço de saude — Nova Gôa — Imprensa Nacional — 1899.*

Vasco da Gama — *Memoria-historica (1498-1898) — Margão — por Antonio Filippe Nery de Sousa — Typographia das «Noticias» — 1898.*

Diu — *Apontamentos para a sua historia e chorographia, por Jeronymo Quadros — Com uma carta prefacio de José Antonio Ismael Gracias — Nova Gôa — Typographia Fontainhas — 1899.*

Dieu garde le Tsar! — *par Fernando Leal — A propos du congrès de la paix. (2me ed., annotée) — Inde Portugaise — Margão — Imprimerie des «Noticias» 1899.*

Contribuições para bibliographia indo-portugueza *por Ignacio Salvador Leonardo Dias — Director e professor do «Instituto S. Luiz Gonzaga» de Margão — Fasciculo I — Bastorá — Typographia Rangel — 1899.*